

DITONGOS CRESCENTES E AMBISSILABICIDADE EM PORTUGUÊS*

Hildo Honório do Couto
Universidade de Brasília

I - OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

Estou convicto de que os ditongos são a chave para se resolverem algumas das questões mais complicadas da fonologia da língua portuguesa. Eles são tão importantes que até mesmo as gramáticas tradicionais e/ou normativas lhes dedicam alguns parágrafos e, às vezes, algumas páginas e até capítulos inteiros. Assim, fala-se em ditongos decrescentes orais, como nas partes sublinhadas de (1a), em ditongos crescentes orais, como em (1b), decrescentes nasais como em (1c) e crescentes nasais como em (1d). Cadely (1988) fala em "ditongo pesado" para decrescente e crescente respectivamente.

- | | | | | |
|-----|--|--|--|---|
| (1) | (a) <u>pai</u>
c <u>eu</u>
Niter <u>ói</u> | (b) <u>qual</u>
tran <u>qüi</u> lo
ling <u>üi</u> ça | (c) <u>mãe</u>
m <u>ão</u>
m <u>uito</u> | (d) <u>quando</u>
sag <u>üi</u> m
apropin <u>qüem</u> |
|-----|--|--|--|---|

Existe ainda a questão adicional dos chamados tritongos, como se pode ver em (2). Nas partes sublinhadas de (2a) temos alguns exemplos de tritongos orais e nas de (2b) exemplos de tritongos nasais.

- | | | |
|-----|---|--|
| (2) | (a) <u>Paraguai</u>
redarg <u>üiu</u>
averig <u>üei</u>
enxagu <u>ou</u> | (b) <u>saguão</u>
sagu <u>ões</u>
mín <u>üem</u>
enxágu <u>am</u> |
|-----|---|--|

Os tritongos não representam problema especial, uma vez que a solução que se der aos ditongos será automaticamente aplicável a eles também. Isso se deve ao fato de que, como disse José de Oiticica, o tritongo "resulta da fusão de dois ditongos. Em *saguão*, por exemplo, *uão* provém de *uã*, crescente postônico, e *ão*, decrescente pretônico" (Oiticica 1955:

* Agradeço os comentários que Elsa Gomez-Imbert, do CNRS de Paris, fez a uma versão anterior deste artigo. Agradeço também a Leda Bisol, cujas críticas me fizeram repensar diversos argumentos. Nenhuma das duas, no entanto, é responsável por eventuais erros remanescentes.

CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO NA PUCRS (DOUTORADO)

Instituto de Letras e Artes

- Teoria da Literatura
- Linguística Aplicada

*Credenciado pelo Parecer nº 639/93 do C.F.E. de 07/10/93
Informações: ILA - Fone: (051) 339-1511 - Ramal 3176

158). É bem verdade que logo a seguir o autor cai no erro de considerar "oei" em "algodoeiro" como tritongo, erro de resto cometido por outros filólogos e gramáticos tradicionais. No que concerne à formação do tritongo a partir de dois ditongos ele estava correto. Portanto, não é necessário tratar dos tritongos separadamente.

Alguns autores chegam a questionar a própria existência do tritongo, como Leda Bisol. Segundo essa autora, não existem tritongos pelo fato de pressuporem ditongos crescentes e de esses só ocorrerem como em (2), ou seja, precedidos de /k/ ou /g/. El: interpreta o que seria o primeiro elemento (semivocálico) desses ditongos como formando um segmento complexo lexicalizado com a velar precedente. De acordo com sua interpretação, "a unidade monofonemática, no sentido de Troubetzkoy, não aumenta o número de fonemas da língua, pois está apenas no léxico, indicando as poucas palavras que preservam o grupo latino" (Bisol 1989: 217). No entanto, pelo menos aparentemente jogar algo para o léxico não representa menor custo do que a postulação de fonemas adicionais. Ademais, a mera possibilidade de existência de pronúncias como "averigúo", "desagúa", "agúo", etc. (cf. Oiticica 1955: 69-70) desaconselha soluções como a proposta por Bisol.

Quer aceitemos a interpretação de Bisol para os chamados tritongos quer não, continua válida a afirmação que a análise que se fizer dos ditongos se aplica igualmente a eles, com pequenas adaptações. Como afirmam Clements/Keyser (1983: 47) para os agrupamentos de consoantes, "any three-member cluster, ABC, is analyzable into two-member clusters, AB an BC". Nada impede que se aplique o mesmo princípio aos grupos de vogais. Assim, deixando de lado a proposta de Bisol para [k^w, g^w], o tritongo [way] seria composto dos ditongos [wa] e [ay]. Enfim, o que se deve analisar são os ditongos.

Uma outra afirmação de Bisol, concernente aos ditongos, é a de que aquilo que se tem chamado de ditongo crescente "é o resultado de rressilabificação, não lhe sendo atribuído papel algum no sistema fonológico. Ditongos crescentes são rimas de duas diferentes sílabas na estrutura subjacente" (Bisol 1989: 215). Uma das justificativas seria a existência de alternâncias como as de (3).

- (3) quiabo [ki'ab u / 'kyabu]
 suar [su'a r / 'swar]
 uirapuru [uirapu'ru / wirapu'ru]

Realmente, os exemplos dados em (3) só podem ser considerados ditongos crescentes em variação livre com os hiatos respectivos. Em um nível menos superficial os segmentos em questão efetivamente "são rimas de duas diferentes sílabas". No entanto, há outros casos em que é indubitável a existência de ditongos crescentes que não estão em variação livre

com hiatos, ou seja, com os dois segmentos dominados por um só núcleo, como se pode ver em (4).

Diante do que foi visto até aqui, o objetivo deste ensaio é duplo. Primeiro, pretendo mostrar que mesmo deixando de lado os exemplos de Bisol de (3), há pelo menos um tipo de ditongo crescente em português – como o de (4) abaixo – e que, segundo, o elemento semivocálico desse ditongo crescente é ambissilábico. Aduzirei argumentos tanto teóricos quanto empíricos em prol dessas duas interpretações. Com efeito, até onde eu sei ainda não se falou na possibilidade de existir ambissilabidade em português, no sentido de Clements/Keyser (1983), mesmo porque o modelo desses autores ainda não foi aplicado a essa língua, talvez com a única exceção de Couto (1993). Com isso, espero ter dado mais um passo, pequeno embora, na direção de um melhor conhecimento da estrutura fonológica da língua portuguesa, via ditongos. O passo inicial já fora dado por Bisol (1989).

2 – DITONGOS CRESCENTES

As seqüências de segmentos de natureza vocálica que considerarei como ditongos crescentes estão exemplificadas em (4a-i), com a parte que interessa sublinhada.

- | | | | | |
|-----------------------|--------------------|--------------------------|--------------------|--------------------|
| (4) (a) <u>idé</u> ia | (b) <u>ce</u> ia | (c) <u>apó</u> ia | (d) <u>saloi</u> a | (e) <u>tapui</u> a |
| Jud <u>é</u> ia | me <u>ie</u> a | b <u>ói</u> a | boi <u>ada</u> | pi <u>ai</u> ense |
| assembl <u>é</u> ia | ve <u>ie</u> a | jib <u>ói</u> a | apo <u>io</u> | arau <u>ai</u> que |
| (f) <u>sai</u> eta | (g) <u>tei</u> ú | (h) <u>Cui</u> abá | (i) <u>qui</u> oiô | |
| ma <u>io</u> r | fe <u>io</u> | Tui <u>ti</u> | coi <u>ote</u> | |
| Inda <u>ia</u> | re <u>ve</u> illon | pio <u>io</u> nto (pop.) | boi <u>ota</u> | |
| ta <u>io</u> ba | Mace <u>io</u> | mui <u>é</u> (pop.) | apo <u>io</u> ndo | |

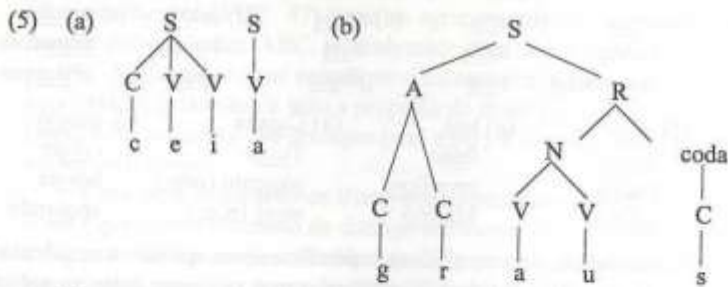
Na realidade, eu vou analisar especificamente apenas as seqüências sublinhadas de (a) e (b) de (4), embora o que se disser delas se aplica igualmente às de (c)-(i). Em relação a essas seqüências devo observar, outrossim, que a vogal anterior ao elemento semivocálico [y,w] também está sublinhada porque, como veremos abaixo, pelo menos nos exemplos de (4) (a) e (b) esse elemento parece se associar primeiramente a ela. O ditongo crescente só se forma depois de formado o decrescente. Mas isso parece ser o caso apenas quando a vogal posterior a [y,w] é átona ou alta anterior, como veremos.

Como já disse, pretendo demonstrar que as seqüências sublinhadas de (4) podem ser interpretadas como ditongos crescentes, ou seja, com o elemento semivocálico dominado pelo núcleo silábico precedente e pelo

subseqüente, passando em um segundo momento inclusive a ser dominado por C, o que é perfeitamente legítimo mesmo em termos universais.

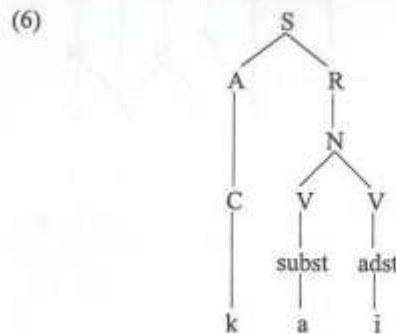
Antes, porém, de passar à defesa dessas duas interpretações, gostaria de explicitar alguns conceitos bem como o modelo fonológico em que a análise se estribará. Basicamente seguirei a versão da fonologia auto-segmental exposta em Goldsmith (1990). Com efeito, no contexto da *fonologia CV* de Clements/Keyser (1983) a representação de "ceia", por exemplo, seria como se vê em (5a), com apenas três *camadas* (tiers). Entretanto, a representação arborescente de Goldsmith (1990) parece mais adequada, uma vez que ela prevê, além do *ataque* ("onset"), a camada adicional da *rima*, que se pode bifurcar em *núcleo* e em *coda*, como se vê em (5b).

É bem verdade que quando a sílaba não tem coda, a representação de Goldsmith se torna um tanto anti-econômica, uma vez que se tem que passar sempre pelos níveis da rima e do núcleo, mesmo quando isso não é necessário, ou seja, quando não existe coda, como na última sílaba de (6a). Na representação de Clements/Keyser essa redundância desaparece. No entanto, é o modelo com 5 camadas de Goldsmith – todas as sílabas aqui estudadas, exceto (5a) – que é mais realista. O motivo para isso é justamente o reconhecimento de uma estrutura interna na sílaba. Diante disso, usarei a estrutura proposta por Goldsmith (1990), mas sem perder de vista as excelentes sugestões teóricas de Clements/Keyser (1983). Isso não acarreta nenhum inconveniente, como se verificará.



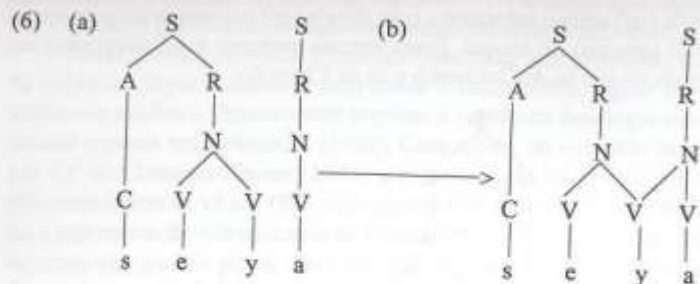
Já que o modelo silábico de Goldsmith prevê uma estrutura interna na sílaba, pode-se ir até à estrutura dos elementos dominados por C e por V. Segundo esse autor, em representações como as de (5b) o elemento dominado por A situado à esquerda é "head" e o da direita "satélite" (Goldsmith 1990: 142). Isso significa que /g/, dominado pelo primeiro C do ataque, e /r/, dominado pelo segundo C, têm função fonotática semelhante à do nome e do adjetivo, respectivamente, da sintaxe. No caso dessa última, Chomsky (1988: 68-70, 110-112) fala em "head" e "complement" para a estrutura interna dos sintagmas. Quanto a mim, recorrerei a dois conceitos que propus em Couto (1973), também para a sintaxe, quais sejam "substante" (head) e "adstante" (complement, satellite). Assim, o elemento da

esquerda (/g/) seria o substante e o da direita (/r/) o adstante do grupo consonantal (grucon) do ataque. Esses termos parecem mais adequados em português do que os de Goldsmith e os de Chomsky.



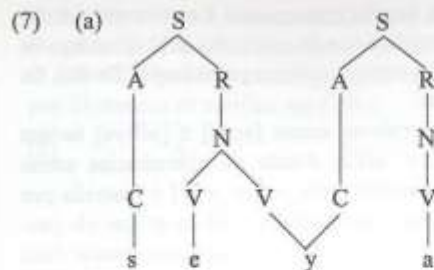
O mesmo princípio se aplica também aos elementos denominados por N. Assim, em "cai" /a/ seria o substante vocálico, e /i/ o adstante vocálico, como se vê representado em (6). Como a natureza dos segmentos já está determinada pelo nóculo que os domina, é irrelevante se se representa o que graficamente é "i" por [i] ou [y]. O importante é que se trata de um segmento [-cons, +alt, -rec] dominado por N na posição de adstante. Interessantemente, essa estrutura está dentro do parâmetro "head first", que tem por base princípios da gramática universal (Chomsky 1988: 69-70).

Como já demonstrei em Couto (1974), apoiando-me em Nascentes (1964: 17) e Pontes (1972: 18-30), os ditongos de (4) acima têm existência incontestável na língua portuguesa do Brasil. Pelo que ficou explicitado no mesmo ensaio, a representação dos ditongos de (4a, b) em (5a) não é a mais adequada. Com efeito, nesses casos sempre que temos um ditongo decrescente seguido de uma sílaba iniciada por vogal, há como que um eco da vogal adstancial nessa vogal. Com isso, a vogal adstancial, ou semi-vogal, passaria a ser uma espécie de ataque dessa segunda sílaba (Couto 1974: 8-10), tornando-se uma "semiconsoante" (cf. Oiticica 1955: 139, 144). Na maioria das realizações, a pronúncia das palavras de (4a), por exemplo, é [ʃeyya, žudEyya, asēblEyya], embora Pontes (1972) parta das realizações [seyya, žudEya, asēblEya], por motivos diferentes. Nos exemplos de (4c-i) existência do ditongo crescente parece até mesmo mais incontestável. Diante do exposto, a representação de "ceia" deveria ser como em (6a).

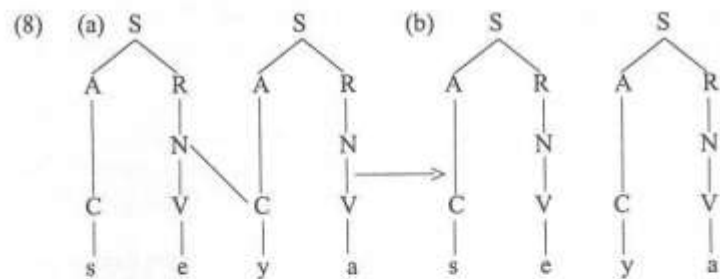


Mas, como veremos abaixo, o [y] se apóia também na vogal da sílaba seguinte, formando com ela um ditongo crescente. Há até mesmo a possibilidade de dois ditongos seguidos, um decrescente e um crescente, como vimos com Nascentes (1964), Couto (1974) e Oiticica (1955) acima. Isso nos leva diretamente ao meu segundo objetivo, que é justamente mostrar que a categoria da *ambissilabidade* resolve a questão. De acordo com Clements/Keyser (1983: 58) "um segmento P é ambissilábico se é dominado por dois nódulos S" (cf. também Couto 1993). Com base na proposta de transcrição [seyya] e na possibilidade de [y] poder se adjungir ao substantivo vocálico precedente ou ao subsequente, a representação dessa palavra deve ser preferivelmente como mostrado em (6b), com [y] associado ao núcleo vocálico da rima seguinte, tornando-se assim ambissilábico. Isso dá conta da intuição do falante quando a sua dúvida de se [y] se associa ao núcleo vocálico da rima anterior ou ao da seguinte. Por outras palavras, resolve-se a questão de se se trata de um ditongo decrescente ou de um ditongo crescente. Na verdade têm-se os dois.

Podemos inclusive ir mais longe. Uma vez que [y] se associou ao núcleo vocálico seguinte (6b), pode-se afirmar que ele se colocou na posição ótima da consoante, ou seja, antes de uma vogal – lembremo-nos de que a sílaba universal é CV –. Portanto, parece correto prosseguir com a derivação iniciada em (6a), e continuada em (6b), até a uma estrutura como a que se vê em (7). A parte do [y] ambissilábico associada à sílaba seguinte faz surgir um C para dominá-la, com o que a palavra passa a ter, pelo menos a nível fonético, a estrutura canônica da palavra (CVCV) do nível do esqueleto silábico.



Uma outra alternativa seria considerar [y] primariamente como consoante, portanto, ligado ao ataque da sílaba seguinte e só secundariamente, por ressilabificação, associado à posição adstancial do núcleo precedente. Isso daria a representação mostrada em (8a), caso em que a primeira sílaba teria coda. Aqui há o problema de C ficar dominado por N. A propósito de /paynt/ (pint) e /fiynd/ (fiend) do inglês Clements/Keyser afirmam que esses "diphthongs are functioning equivalently to VC sequences" (p. 33). José Oiticica já havia dito o seguinte: "nos *Estudos de Fonologia*, contestei a divisão da palavra *guaianás* em *guai-a-nás*, preferindo *gu-ia-nás*, considerando esse *i* consonantal, correspondente ao *y* espanhol *guayanás*" (Oiticica 1955: 158), o que daria a representação que se vê em (8b), para continuar ilustrando com "ceia".



Posteriormente, Oiticica modificou sua posição sem, contudo, ir de encontro ao que venho defendendo até aqui, ou seja, ele passou a defender a tese de que "houve, em português, uma ditongação, seguida de um *i* consonantal não grafado, como se fosse: *guai-ia-nás*". Para quem achar que nessa palavra não temos o mesmo que na seqüência "eya", Oiticica continua nos seguintes termos: "Em *maior*, temos, na realidade, *mai-ior*, como em *feia*, ouvimos, *fei-ia*". Por fim, para que não reste a menor dúvida de que a idéia da ambissilabidade como estou defendendo aqui não é nada nova, é só continuar lendo o texto de Oiticica. Ele dividiu silabicamente a palavra "feia" como [fey-ya] "sendo o primeiro *i* claramente vocálico e o segundo, claramente consonantal" (Oiticica 1955: 158). Em síntese, sua

interpretação sempre atribui uma função consonantal à semivogal dos ditongos de (4), quer essa consonantalidade seja exclusiva (8b) quer seja de parilha com a função adstancial do núcleo silábico precedente (7 e 8a), ou seja, associada à ambissilabidade.

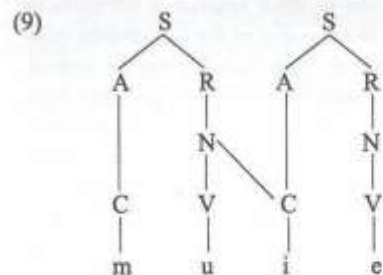
Poder-se-ia alegar que as estruturas como [seyɑ] e [idEya] teriam como estrutura subjacente /sea/ e /idEa/ diante de alternâncias como "idéia/ideal", "rei/real", "passeia/passear", etc. e que o [y] é inserido por regra. Eu creio que isso só reforçaria a tese aqui defendida de que ele passa a ter natureza consonantal. Com efeito, ele é inserido para separar duas vogais; e o que melhor separa duas vogais é uma consoante. Nem mesmo a alegação de que no português coloquial e no rural "veio" e assemelhados viram [vey] contraria a tese (cf. os exemplos semelhantes do espanhol argentino e do paraguaio abaixo!), pois a queda da vogal final nessas modalidades de português é muito comum, estendendo-se até mesmo a casos em que ela vem precedida de consoante, como "menino" e "copo" que viram [minin'] e [kOp'], respectivamente. Esse argumento justificar a interpretação de (6), que considera [y] primeiramente associado ao V adstancial no primeiro N e só secundariamente ao C da sílaba seguinte. No entanto, o simples fato de ele se inserir numa posição tipicamente consonantal já lhe atribui, *ipso facto*, natureza consonantal.

O argumento mais convincente, não obstante, é a própria existência de casos em que o [y] claramente existe em estrutura subjacente. Infelizmente não encontrei muitos exemplos, mas nomes como "Veios" (nome de lugar grego) e "Pereio" (nome de um famoso músico brasileiro) não repugnam à intuição fonológica de ninguém.

Esses argumentos são necessários, como vimos, apenas para defender a existência de ditongos crescentes e da ambissilabidade nos exemplos de (4a-b). Para os de (4c-i) nem é preciso defendê-los. Com efeito, há alguma justificativa para separar "teiu" como */tey-u'/. Creio que a única possibilidade aceitável seria /te-yu/, se não for /tey-yu/.

Em síntese, é bem verdade que o [y] que se insere entre duas vogais para desfazer hiato forma, num primeiro momento, ditongo decrescente com a vogal precedente. No entanto, pela própria posição em que ele se insere – eminentemente consonantal – e por sua natureza de [-cons, +alt, -rec], passa a funcionar como ataque da sílaba seguinte. Porém, isso ocorre só quando a vogal que se lhe segue é átona, como em (4) (a) – (c). No entanto quando ela é menos átona (como em alguns exemplos de (4) (d) e (e)) e quando é tônica, como nos exemplos de (4) (f)–(i), temos um quadro um tanto diferente. Em palavras como "taioaba", "muié" (pop.), "reveillon" ([RevEyô]) e "arauaque", parece artificial silabificar-se o [y,w] em primeiro lugar com a vogal seguinte. O mais natural para "muié", por exemplo, seria o que se vê em (9), com o [y] associado ao N precedente. Por outras palavras, primeiro [y] se associa ao ataque da segunda sílaba, o que lhe

atribui uma certa consonantalidade ou semiconsonantalidade. Em seguida ele se ambissilabifica, associando-se também ao N da sílaba anterior a ele. O fato de C poder dominar [y,w] já foi comentado, a propósito de (7) supra. O mesmo se verifica em (10b).



3 – OBSERVAÇÕES FINAIS

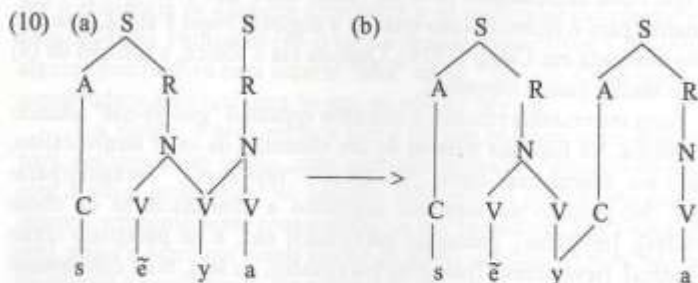
Pelo que vimos, pode-se dizer que não há dúvida quanto à ambissilabidade, nos exemplos de (4). Dúvida só parece haver quanto à melhor análise de (4a-c), ou seja, no caso de a segunda vogal ser átona se ele estaria originalmente na primeira sílaba formando com ela um ditongo decrescente e só adicionalmente associado à sílaba seguinte – formando com sua vogal um ditongo crescente – ou se, ao contrário, originalmente ele estaria associado à segunda sílaba como ataque consonantal e só adicionalmente ao núcleo da sílaba precedente, no caso de a vogal seguinte for tônica. Pelo que ficou demonstrado deve ter ficado claro que defendo a primeira alternativa para o primeiro caso quando a segunda vogal é átona, tese que já fora avançada em Couto (1974). Quando ela é tônica, a solução de (9) ou algo similar parece inevitável.

Seria interessante retomar o exemplo espanhol "gua-ya-nás" aduzido por Oiticica. Na Espanha trata-se de um elemento de valor semivocálico, mesmo em alternâncias como "ley/leyes", "rey/reyes", "Paraguay/paraguay". No entanto no espanhol argentino a alternância se dá como [ley/ležes], [rey/režes], [paraguay/paraguažo] etc., e no paraguaio como [ley/ledžes], [rey/redžes], [paraguay/paraguažo], ou seja, mais consonantal ainda. Nas duas últimas variedades de espanhol, o elemento dominado pelo C do ataque silábico se desconsonantiza e se rissilabifica, isto é, é associado à posição adstancial do N precedente. A diferença é que em português, apesar de [y] passar a ser dominado pelo C do ataque vocálico, ele não é uma consoante propriamente dita. Como dizem Clements/Keyser (1983: 32), "C-elements are freely allowed to dominate both [+consonantal] segments and [+high, -consonantal] segments", que é precisamente o caso de [y]. Harris (1983: 57-62), no entanto, analisa a versão argentina

dessa alternância considerando a alternante semivocálica como o elemento subjacente. Isso confirma minha tese, pois sugere que o espanhol avançou mais que o português. Ou que este recuou mais que aquele, para o caso de a segunda vogal ser átona.

No entanto, devo observar que não se deve analisar a estrutura de uma língua tendo por base a de outra. Basta o que se fez no período colonial, em que se forçou o enquadramento de línguas indígenas na camisa-de-força da gramática latina. Portanto, exemplos como os argentinos e paraguaios servem apenas como ilustração. Além disso, na variante argentina do espanhol o equivalente do [y] do ataque silábico é [+obstr], embora [+cont]; na variante paraguaia, ele é [+obstr, -cont]. Em português, e no espanhol europeu, ele é uma "semiconsoante", ou melhor, um segmento [+alt, -cons]. É por isso que ele pode ser dominado por C, não por ser [+cons], o que ele não é.

Em palavras como "venho", "tenho", "senha", etc. temos uma evidência a favor de [y] dominado por C que se aproxima dos exemplos do espanhol paraguaio e argentino. Como notou pioneiramente Eunice Pontes, essas palavras não são, via de regra, realizadas como [veñu], [teñu] e [seña], e sim como [vêyu], [têyu] e [sêya], respectivamente. Essas pronúncias se alternam com pronúncias de formas cognatas como [vêy] (vem) e [têy] (tem). Se a primeira pessoa do verbo "saber" fosse a possível forma "seio", haveria alternância até com um ditongo oral [sey] (sei). Admitindo a transcrição de Eunice Pontes, a palavra "senha" deve ser representada como em (10a), ignorando a questão adicional da representação subjacente da nasalidade vocálica. Pelo menos em um nível mais próximo do fonético (10a) é legítima.



Em (10b) temos o equivalente de (7). Ou seja, a derivação continua até o momento em que a semivogal vira semiconsoante e passa a ser dominada também pelo C do ataque seguinte. A análise de (10) dá conta, adicionalmente, do fato de que aquilo que graficamente é "nh" é de natureza híbrida, podendo formar a sílaba com o núcleo precedente ([sey-a]), com o seguinte ([se-ya]) ou com ambos ([sey-ya]).

No português lusitano existe uma situação um tanto diferente. Formas como "têm", "vêm" e "põem" são realizadas como [tã yã], [vã yã] e [pã yã], respectivamente, embora "vêm" seja [vã /] (Mateus 1975: 131-132). De qualquer modo, o [y] medial dessas três formas é também analisável como ambissilábico, exatamente como o dos exemplos do português brasileiro de (4) e assemelhados.

Dentro do próprio português brasileiro há pelo menos mais duas evidências a favor da tese aqui defendida. Uma delas vem da aquisição da língua pela criança e outra pela variação regional/rural/popular. Ana Elisa (de um ano e sete meses) realiza "olho", "bola", "colo" "estrela" e "caiu" como [oyu], [bOya], [kOyu], [seteya] e [kaijiw], respectivamente. No Português rural e freqüentemente no das pessoas iletradas, mesmo urbanas, via de regra "lh" é substituído por [y]. De modo que podemos dar, para cada exemplo de (4), uma estrutura equivalente nessa variedade de português em que o [y] substitui uma consoante do português padrão. É o que se vê em (11) (a)-(e), além dos dois exemplos já vistos em (4h).

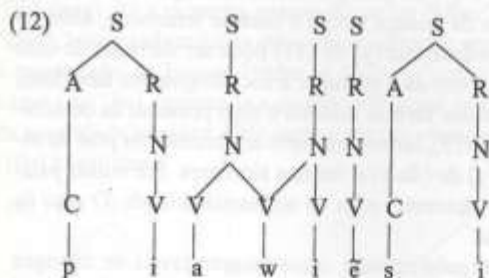
- (11) (a) [vEya] 'velha' (b) [teya] 'telha' (c) [mOya] 'molha'
(d) [boya] 'bolha' (e) [tuya] 'tulha'

No português rural, o [y] de (11b) é exatamente igual ao de "teia" (de aranha). Na linguagem da criança temos o mesmo fenômeno, além da vocalização de [i]. Se é verdade que [y] de (11) pode ser derivado de uma lateral palatal subjacente, como dá a entender a sociolinguística laboviana, e se a estrutura subjacente das formas infantis é algo próximo às do adulto, como sugere Stampe (1973), temos um forte argumento em prol da semiconsonantalidade dos [y] de (4a-b) e formas similares. Por outras palavras, em prol de ditongos crescentes e/ou da ambissilabidade. O caso de (4c-i) é mais incisivo ainda.

Em síntese, em português existem casos incontestáveis de ditongos crescentes como os de (4). No entanto, deve-se notar que, quando a vogal seguinte é átona, o elemento semivocálico que os forma fá-lo por assim dizer em um segundo momento. Assim, em primeiro lugar ele se associa ao núcleo vocálico da rima anterior a ele, passando a ser seu adstante, isto é, uma semivogal segundo a terminologia tradicional. Em segundo lugar, ele se associa ao núcleo vocálico da rima seguinte. Só que, primeiro, ele se associa a um V que se insere em uma configuração "head second", ou seja, a um V adstancial que precede o V substante. Talvez pelo fato de isso ser um tanto insólito em português, e pelo caráter de semiconsoante que [y] passa a ter, logo a seguir desse V adstancial dá lugar a um C, pelo simples fato de estar na posição do ataque consonantal. Com isso, passa-se a ter a sílaba ótima CV. Sendo a vogal seguinte a [y,w] tônica, a semivogal forma, em primeiro lugar, um ditongo crescente com ela e, em segundo lugar, se

associa ao N da vogal anterior. Isso lhe dá um caráter consonantal ou semiconsonantal.

O mesmo tipo de argumento parece ser válido para o caso da semi-vogal/semiconsoante [w], sobretudo como ilustrado em (4e). Assim, uma palavra como "piauiense" parece ser silabificável como em (12), ignorando-se de novo a questão da nasalidade vocálica. Como se vê, há dois hiatos. Talvez por isso mesmo ele é uma palavra incomum na língua portuguesa. Tanto assim que a semelhança dos exemplos em (3) supra, o primeiro V dessa palavra pode formar um tritongo em variação livre com a configuração de (12), dando [pyaw-wi-ẽ-si]. No mesmo tipo de registro, pode ser até que o [i] dominado pelo V da terceira sílaba se associe também ao N da sílaba seguinte, tornando-se assim ambissilábico, como em [pyaw-wi-yẽ-si]. Tudo isso para evitar hiatos, isto é, para ir na direção da sílaba CV. Enfim, pode não haver ditongos crescentes a nível fonológico, subjacente, quando a segunda vogal é átona. Entretanto, mesmo aí, em algum ponto da "derivação" (não muito "tardio") eles emergem sem estarem em variação livre com hiatos como nos exemplos de (3). Se a segunda vogal for tônica parece que o ditongo crescente existe até mesmo a nível fonológico. De qualquer forma, o assunto merece uma investigação mais detalhada.



Bibliografia

- BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *Delta* 5, 2. 185-224.
- CADELY, Jean-Robert J. 1988. Représentation syllabiques et distribution des diphtongues en créole haïtien. *Études créoles* XI, 1. 9-40.
- CHOMSKY, Noam. 1988. *Language and problems of knowledge. The Managua lectures*. Cambridge: The MIT Press.
- CLEMENTS, George. N. & S. J. KEYSER, 1983. *CV phonology. A generative theory of the syllable*. Cambridge: The MIT Press.
- COUTO, Hildo Honório do. 1973. *Os conetivos*. Diss. mestrado, FFCL-USP.
- . 1974. *O problema dos ditongos em português*. Com. lida no I Simpósio de Lingüística de Londrina. Londrina: UEL.
- . 1993. Extrassilabidade em português. *Letras & Letras* 7, 1/2. 71-79.
- GOLDSMITH, John A. 1990. *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford: Basil Blackwell.

- HARRIS, James W. 1983. *Syllable structure and stress in Spanish. A nonlinear analysis*. Cambridge: The MIT Press.
- MATEUS, Maria Helena Mira. 1975. *Aspectos da fonologia portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- NASCENTES, Antenor. 1964. *O idioma nacional*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 4ª ed.
- OITICICA, José. 1955. *Roteiros em fonética fisiológica, técnica do verso e edição*. Rio de Janeiro: Organização Simões.
- FONTES, Eunice. 1972. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Editora Vozes.
- STAMPE, David. 1973. *A dissertation on natural phonology*. The University of Chicago, Ph. D. Dissertation.